

Flagrantes do abandono

As colônias que transformaram alguns pavilhões em hospitais, abertos a pacientes de várias enfermidades, foram os que se estruturaram melhor. Mas os sinais de abandono ainda são flagrantes na maior parte dos 33 antigos leprosários. A área residencial é a mais crítica. Casas com telhados velhos e paredes mofadas mostram a penúria em que vivem moradores. "Com a aposentadoria por invalidez não conseguimos reformar tudo que precisamos", afirma Vicente Pinto Leite, morador da Colônia Santa Marta, em Goiânia.

Antigos pavilhões abandonados também preocupam a comunidade das colônias. É que o local pode ser usado por mendigos e meninos de rua para se esconder ou morar. O pavilhão, onde ocorreu o assassinato de um casal no Rio de Janeiro, no início deste ano, chegou a ser fechado com tijolos. Mas recentemente a diretoria da Colônia Tavares de Macedo resolveu dar outro destino ao lugar, transformando-o em centro cultural.

As igrejas, construídas ainda na época do isolamento compulsório, fogem à lógica do abandono. Geralmente são bem preservadas. Na colônia de Goiânia, uma gruta feita pelos doentes confinados virou um local sagrado para a comunidade. Os internos levavam o material pesado na cabeça, na esperança de receberem a cura mais rápido. "Cada pedra dessa é a história de uma pessoa, de alguém que esteve aqui", lembra Leite. (RM)